

# **O Atrito da Memória**

**Colonialismo, guerra  
e descolonização  
no Portugal contemporâneo**

**MIGUEL CARDINA**

**Lisboa  
Tinta-da-china  
MMXXIII**

# Índice

Introdução 7

## **PARTE I. O PASSADO COLONIAL:**

### **ENTRE A CELEBRAÇÃO E O SILENCIAMENTO**

1. O colonialismo em África e a construção do império 13
2. As permanências do imaginário colonial 33
3. Um caso de memória oficializada 47
4. Cartografias de um passado vivo 59

## **PARTE II. A GUERRA COLONIAL:**

### **MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E RESISTÊNCIAS**

5. A guerra, o 25 de Abril e o fim do império 85
6. A organização do esquecimento 103
7. Uma história da memória da guerra 121
8. Um caso de contramemória 143

Epílogo 165

Agradecimentos 171

Notas 173

Siglas 199

Bibliografia 201

Arquivos 213

# Introdução

Este livro trata da memória do colonialismo e da guerra no Portugal contemporâneo.<sup>1</sup> Na segunda metade do século xx, o país viveu duas mudanças paradigmáticas. A primeira mudança correspondeu à passagem da ditadura para a democracia. A queda do Estado Novo, a 25 de abril de 1974, daria lugar a um processo revolucionário e à consequente instauração do regime democrático. A segunda mudança consistiu no fim do império colonial em África, iniciado com a ação dos movimentos de libertação africanos e consolidado por via de um levantamento levado a cabo por militares de patente intermédia envolvidos numa guerra perdida. Como é sabido, as duas viragens estão intimamente ligadas: o fim da ditadura e o fim do colonialismo são parte de um mesmo processo histórico.

As páginas que se seguem refletem sobre as múltiplas vidas do passado colonial. Como se fez e desfez o colonialismo? De que forma a guerra colonial se constituiu como sua etapa derradeira? Qual a memória dominante sobre este longo período histórico e que disputas públicas se têm expressado nos últimos anos? A resposta a estas interrogações será alinhada em duas partes. A primeira parte examina a contínua associação entre a exploração marítima, a experiência colonial, as performances de redefinição identitária e as sequelas do passado colonial. A segunda parte toma

como referência a guerra e analisa as dinâmicas entre memória e amnésia que conformaram a evocação do conflito.

Dois campos conceptuais serão recorrentes ao longo do texto. O primeiro campo engloba noções como as de ideologia e de imaginário, que surgirão a propósito da longa presença do colonialismo na sociedade portuguesa e dos seus modos de expressão. Se alguma tradição marxista interpretou a ideologia como «falsa consciência» — uma mera ilusão legitimadora do real existente, resultado da dominação de classe e passível de desaparecer com a mudança estrutural das condições que a determinaram —, a complexificação posterior da noção apontou para o facto de ela constituir uma visão de mundo que se manifestaria em todos os momentos da vida individual e coletiva. Este sentido aproxima-a da noção de «imaginário», enquanto forma como uma dada sociedade elabora imagens, crenças e mitos sobre si própria. O imaginário é um produto social, codificado num senso comum historicamente constituído, embora a sua manifestação e eficácia sejam diferenciadas consoante os grupos sociais que o constroem, apropriam ou absorvem.

No caso em apreço, a impregnação do imaginário colonial resultou de um maturado processo que não pode, de todo, ser apartado da realidade concreta do colonialismo enquanto forma de controlo, administração e exploração. Ou seja, o imaginário colonial teve uma inequívoca função ideológica. No entanto, o fim do ciclo imperial não o exauriu. Pelo contrário, esse imaginário sobreviverá, de forma reconfigurada, não tanto devido à inércia de um tempo que demoraria a apagá-lo, mas porque foi sendo revestido de novos usos, profundamente ligados às mecânicas de preservação da colonialidade e de reprodução de narrativas sobre a identidade nacional.

No livro recorrer-se-á ainda ao campo conceptual ligado à memória. Também aqui convém adiantar algumas palavras de enquadramento. Uma rede de conceitos cada vez mais densa tem vindo a pensar a memória — numa definição sintética, os modos

individuais e coletivos de presentificar o passado — na sua relação com a história e a sociedade. Mais do que uma espécie de espelho do passado que as instituições, os grupos e os indivíduos poderiam fielmente transmitir ou delegar, a memória tem sido percebida como um processo sempre feito a partir de um dado presente e moldado por estruturas culturais, por convicções ideológicas, por marcadores de classe, origem étnico-racial ou gênero, por interesses estratégicos, por experiências biográficas e pelos regimes do discurso historiográfico e da sua divulgação.

Em contextos europeus, a memória do colonialismo é ainda marcada por modos peculiares de «organização do esquecimento». O caso português é muito ilustrativo disso, como em vários momentos se irá evidenciar. Findo o colonialismo como realidade política, os seus ecos persistiram em várias instâncias sociais. Ao mesmo tempo, este livro aborda uma realidade em mudança. Sendo verdade que existe ainda hoje, em Portugal, uma retórica que assenta no que Ann Laura Stoler designou de «afasia colonial»<sup>2</sup>, é certo também que esse passado se tem tornado crescentemente num campo de batalha, com a emergência de controvérsias sobre a natureza da dominação nas colónias, sobre a guerra e os seus impactos ou sobre a persistência de leituras mitificadoras desse passado.

Este é um ensaio sobre as dinâmicas entre história, memória e poder. No seu livro *Silencing the Past. Power and the Production of History*, dedicado à história do Haiti, Michel-Rolph Trouillot abordou os limites de uma visão realista da história, em que o historiador se vê como um observador objetivo que descreve o passado tal como teria acontecido, e os limites de uma visão estritamente construtivista, que tende a amalgamar história e ficção. Buscando uma espécie de terceira via, Trouillot parte do princípio de que a «história é sempre construída num contexto histórico específico». Propõe que a historiografia deva ter consciência da simultânea «distinção e sobreposição entre processos e narrativas» e sugere que a tarefa da